1) Esta galeria: quando?
porquê?

(Elaboração do per-curso desde o seu nascimento até ao momento actual, tendo presente as diferentes conjunturas e as influências que elas tiveram na existência da galeria.)

2) Esta galeria: que lugar?
que função?

(Ligação entre o espaço reinvindicado e o panorama sócio-cultural existente)

3) Esta galeria: como?

(Explicação de como tem sido possível a subsistência da galeria e quais as perspectivas de continuidade.)

4) Esta galeria e a obra de arte: que relação?

(Para um entendimento da "obra de arte" e das relações que entre si necessariamente estabelecem:
— da necessidade de uma galeria vender obras de arte
— do modo como a sua promoção é feita, com vista à sua inserção no mercado)

5) Esta galeria: que futuro?

(Quais os projectos que prioritariamente se pretendem concretizar e quais as condições que importa ver satisfeitas)

JUNTA DE TURISMO DA COSTA DO SOL:

Em resposta ao "inquérito" à actividade das Galerias, eis alguns dados e considerações que nos parecem de acordo com o questionário que recebemos, e referentes à Galeria da Junta de Turismo da Costa do Sol.

Esta Galeria existe há muitos anos, mas sem qualquer principio de análise, ou de selecção. Fechada após o 25 de Abril, recomeçou a sua actividade sob a direcção de Cruzeiro Seixas em Janeiro de 1977, na altura em que estavam ainda fechadas a maior parte das Galerias em Portugal. Escusado será encarecer o interesse desta reabertura, mais ainda tendo a possibilidade de renovar por completo a sua programação. Isto pareceu-nos tanto mais apaixonante, porque aqui não haveria os condicionalismos de uma Galeria comercial, e acreditamos que o público quer *cultura*, e que de forma alguma lhe é dada com a necessária diversificação. A nós nos parecia que o problema de vender ou não vender era de somenos importância; o importante era uma ausência que podia ser tomada como demissão; a perca de um contacto sempre difícil de refazer.

As despesas por exposição são aqui de aproximadamente 25.000$00, recebendo Cruzeiro Seixas o vencimento simbólico de 5.000$00. Infelizmente alguns projectos têm ficado pelo caminho, porque nem sempre tem sido facilitado, pela própria Junta de Turismo da Costa do Sol, o nosso trabalho. O essencial talvez se tenha salvo, mas foram pelo menos impossibilitadas uma exposição organizada por Eurico Gonçalves sobre "O Erotismo na Arte Moderna Portuguesa", e outra organizada por Ana Hatherly, de homenagem a Mariana Alcoforado. Isto obedecia a um projecto nosso de convidar indivíduos responsáveis a organizar exposições, sobre temas de sua preferência.
Devido ao escasso vencimento recebido, (e também porque não seria muito vocacionado para o fazer), não pode o Director da Galeria fazer a necessária publicidade e promoção de vendas. Assim, infelizmente, algumas exposições passam quasi desapercebidas nos jornais. Disto no entanto são sempre prevenidos, em princípio, os expositores. Temos um grande stoque de molduras, e encarregamo-nos da emolduração das obras. O catálogo é também pago pela Junta de Turismo da Costa do Sol. Se o Artista vender alguma obra pagará uma percentagem de 20%.
Este ano, infelizmente, a Galeria encerra para obras durante 4 meses, (Junho a Outubro), justamente o verão que é a "Saison" aqui. O novo projecto refere uma "sala polivalente" o que cria em nós uma certa expectativa, e receio. Já uma vez nos foi imposta uma exposição, a que, felizmente, o público reagiu de maneira bem evidente.

Da "arte" andamos muito longe há muitos e muitos anos. O que procuramos numa obra é a sua *beleza-força* a medida de um *documento humano*. A beleza parece-nos, ainda hoje, suficientemente subversiva. Para nós são transponíveis todas as fronteiras entre a pintura e a pintura. Um berro dádá pode-se colocar ao lado de Grunwald. Aqui, para definição nossa, fazem falta, (de há muito o dizemos), exposições por exemplo, dos chamados "naturalistas". E na ausência de um Museu de Arte Contemporânea, caberia à Gulbenkian, à Sociedade Nacional de Belas Artes, e ás Galerias, mostrar de cinco em cinco anos, exposições de Amadeu de Sousa Cardoso, de Mario Eloy, dos Primitivos Portugueses, de Sequeira, etc, etc, etc, exposições que não fossem comerciais e sem critério, mas que fossem tanto quanto possível sistematizadas. Isto não pode, evidentemente, ser projecto desta Galeria.Em todo o caso esperamos realizar ainda este ano uma pequena exposição de um dos pintores naturalistas.

É nosso intuito por exemplo realizar exposições que entre nós não são vulgares em Galerias, isto, repetimos dentro de uma grande modéstia de meios. Assim se expôs "Um Diário do Século XIX", e, (parece-nos que pela primeira vez entre nós numa Galeria de pintura), esculturas e instrumentos da Africa negra.

Como a nossa atenção vai em primeiro lugar para o *fenómeno Pintura em si mesmo*, fazemos todos os anos umas três exposições de pessoas que à pintura dedicam uma grande parte da sua vida, de forma apaixonada, sejam eles "pintores de Domingo", "amadores", e tirem ou não lucros do seu trabalho. Esta actividade, confessamos, impressiona-nos muito.

Não temos nada contra a comercialização da obra de arte. Temos contra a sociedade em que tem que ser norma a comercialização da obra de arte: e, até agora, em parte alguma, se saíu desse impasse. Os "Marchands" são necessários ao Artista que "não tem geito para o negocio". E é bom lembrar que, aqui, nada se parece muito com o que se faz lá fora... A história da pintura em Portugal, (e não só), é muito mais a história da nossa posição geográfica.

Talvez que o factor mais importante para que o chamado grande público acorra seja a continuidade de uma acção ao mais alto nível possível, mas também a publicidade, e o snobismo. Infelizmente só dispomos, (repito, dentro da modéstia dos nossos recursos), da primeira destas armas. E assim não vemos como nos poderemos propor voos mais altos. Por que temos recebido incentivos, por agora, manteremos uma programação que não será muito diferenciada da que temos levado a efeito, ou seja, uma visão cultural geral. Expusemos já Shara Affonso, Carlos Calvet, Lima de Freitas, Julio dos Reis Pereira, Hein Semke, Alice Jorge, Raul Perez, Eurico Gonçalves, Mário-Henrique Leiria, D'Assumpção, desenhos de um Poeta como Raul de Carvalho, uma homenagem a António Maria Lisboa, uma exposição internacional "Phases", Josefa de Obidos, "Um Diário do Século XIX", "Um Fotógrafo do Século XIX", Manuel Amado, "Ficção Científica", "O Universo das Formas" (arte negra), João Fragoso, Cruzeiro Seixas etc., etc., e diversas exposições de gente nova, que expôs ali pela primeira vez.
Fazemos votos que, aquando da reabertura, possa ser outro o espírito de entendimento com a própria Junta de Turismo da Costa do Sol. Que o turismo não seja só céu azul, e quilómetros de areia, pois muitos são os que procuram mais do que isso. Que a nova sala tenha os requesitos minimos para expor pintura. Que seja enfim devidamente publicitada a acção da Galeria. Que nos seja dada a liberdade, (e a responsabilidade), de preencher todo um ano com uma programação tanto quanto possível equilibrada. Que a linha de programação possa ser alterada para melhor, como, por exemplo, a possibilidade de convidar alguns artistas estrangeiros, ou de realizar uma grande exposição de escultura, junto ao mar...

O director de uma Galeria tem que ser consciente da responsabilidade da selecção: Num mundo de tanta irresponsabilidade colectivista isso agrada-nos, mas a verdade é que não é possível expor todos os "Artistas" que preferimos, por que os 12 mêses do ano não chegam...
O nosso desejo maior seria ir ao encontro das necessidades do público, e, se possível, receber mais testemunhos desse encontro, para que se estabelecesse realmente um diálogo.

Não queremos deixar de aproveitar a oportunidade para agradecer o bom entendimento, o cuidado, e o interesse, postos na montagem das exposições pelos carpinteiros, electricistas, e pintores.

Terminamos lembrando que este é um assunto vastissimo, e de tal forma importante, que fica quase irreconhecível nas perguntas que nos são feitas, nas respostas que podemos dar, no espaço de que dispomos, e que naturalmente já é excessivo●

audimagem
Atelier d'arte audio visual

1. — A Galeria faz parte de uma empresa que se dedica à fotografia e produção de diaporamas. A actividade da empresa é comercial e o seu objectivo não é a arte; isto é independente dos seus membros artistas. Quando surge a ideia de criar Audimagem surge também a ideia da galeria como dinamizador cultural. Do ponto de vista da rentabilidade é indubitavel que uma loja qualquer seria melhor que uma galeria. Mas como nenhum dos membros da empresa era comerciante, preferimos criar uma galeria que de alguma forma tivesse uma relação com a nossa actividade e também porque era necessário dinamizar um pouco a vida cultural, já que em Lisboa passa muita pouca coisa. A galeria começou a funcionar a partir de Julho de 1978.

2. — A galeria não tem nenhum "projecto cultural" elaborado e não pretendemos reivindicar espaços. O que fazemos é muito simples e consiste na promoção de exposições em certa medida inéditas e na promoção de artistas populares que não tem lugar em outras galerias. Também temos feito pequenos espectáculos audiovisuais e uma exposição de pintura-fotografia. E difícil manter ou promover certo tipo de actividades quando não se tem dinheiro.

3. — A galeria se auto-mantem. E para que isto se realize é necessário vender o que se expõe; de outra maneira só a Gulbenkian.

4. — Nós não temos uma galeria de "ARTE". A galeria está mais relacionada com a arte popular e esta relação está determinada pelo factor económico. Gostariamos de fazer muitas coisas diferentes das que actualmente fazemos mas sem dinheiro é praticamente impossível. No nosso entender uma galeria não só promove artistas e exposições. Uma galeria deveria ser um centro de actividades artisticas em que acontecessem muitas coisas e muita

gente estaria relacionada a ela. É por isso que nós consideramos a nossa galeria uma galeria incompleta.

Em relação à venda de obras de arte pensamos que é um problema vital para uma galeria e sobretudo para o artista. Ser artista significa comer, alugar um atelier, comprar materiais etc, etc; e se a sua obra não se vende.... Este problema dos mercados é um problema complexo, já muito velho e não só em Portugal. Talvez num outro artigo vosso se possa tratar isto mais extensamente.

5. — De momento pensamos continuar na linha seguida actualmente e não vemos possibilidades de grandes alterações.

6. — A galeria encontra-se no largo Trindade Coelho. Isto significa estar situado num sítio estratégico e o público que por aqui passa é muito variado: intelectuais, artistas, funcionários, etc.
Quando dizemos que não revindicamos espaço cultural algum é exactamente porque o espaço está ali e nossa actuação é dinamizar esse espaço. Seria pretencioso "reivindicar um espaço". Não esquecer que somos uma galeria incompleta e as limitações são muitas. ●

GALERIA TEMPO:

1 — Esta Galeria: quando? porquê?

A galeria "Tempo" surge quando acaba a galeria "Gordilho", preenchendo um espaço já anteriormente programado para a exibição da artes plásticas. Fugazmente ocupada pela Secretaria de Estado da Cultura durante a vigência do I Governo Constitucional está a ser orientada pelo Grupo Alvarez que aqui intervém desde Março de 1978.

2 — Esta Galeria: que lugar? que função?

As galerias de iniciativa particular inserem-se numa lacuna deixada em branco por simples alienação de funções do Estado a quem caberia zelar mais e melhor pelos aspectos culturais e artísticos da Nação. A sua via de actuação é, assim, necessariamente recorrente, dificultada e de efeitos visiveis apenas a longo prazo.
Tendo por objectivo fulcral a divulgação da Arte Moderna na capital, esta galeria procura — dentro das muitas limitações existentes — ser a resposta às solicitações de um público ávido de contactos e de conhecimento.

3 — Esta Galeria: como?

Apostando numa acção cultural permanente e sem soluções de continuidade tentamos — através de um ritmo intenso de exposições — criar polos de interesse que levem as pessoas à necessidade de vivências nesta dimensão. Este é o ponto de partida para a introdução, na vida de cada cidadão, do objecto de arte. Pensamos também que é importante, para a formação de cada um, a existência de obras com qualidade no espaço onde decorre o nosso quotidiano e onde temos de educar os nossos filhos. Fomentamos, portanto, primeiro o gosto pelas artes plásticas e depois o espírito de colecção que nos permite obter meios financeiros para permanecer actuantes. Dividimos, consequentemente, a nossa programação em "mostras" que não são para venda e outras onde a comercialização se realiza efectivamente sem, no entanto, descurarmos a qualidade e sem abdicarmos do aspecto intervencionista no campo cultural. Conseguimos já um prestígio que desejamos defender e alargar.

4 — Esta Galeria e a obra de arte: que relação?

Estreita. Permeável tanto quanto possível a todas as tendências depuradas de conotações partidárias e enfrentando a actualidade naquilo que tem de essencial, valioso e vanguardista. Nas obras de arte que vendemos existe qualidade. Pensamos ser este o meio mais eficaz para a respectiva promoção que, no entanto, também é feita pelos que sentem prazer no nosso convívio e ainda pelos tradicionais meios de comunicação social.

5 — Esta Galeria: que futuro?

É difícil responder a questões que se prendem com o futuro num país debilitado onde a incoerência e o anacronismo tendem a institucionalizar-se. Reparando nas decadentes estruturas educacionais que temos e na fragilidade dos projectos que surgem neste aspecto, não apetece o optimismo. Apesar disso e porque tencionamos continuar mesmo quando o saldo financeiro for zero, pensamos permanecer.
Quanto a objectivos temos por vital manter o nosso dinamismo dentro dos parâmetros já apontados que são os que nos parecem mais sincrónicos com a realidade social que vivemos presentemente. Estaremos atentos e dúcteis porque a evolução é também um dos valores que sentimos ser urgente defender. ●

GALERIA O PAÍS

QUANDO tomamos a direcção da galeria "O País", foi nossa intenção que ela tivesse um ar vivo e renovado em relação às outras galerias de arte.

Sabemos, quantas dificuldades têm os jovens artistas de real talento para que se lhe abram as portas nas galerias de arte, estas na maioria dos casos pouco se interessam pela cultura, mas antes e principalmente pelos valores materiais. É certo que os "marchands" têm as galerias como um modo de vida, e não um modo para promocionar e valorizar a arte nos seus múltiplos aspectos. Mas, também é certo, que muitas vezes a sua atitude sectária em relação aos autênticos valores artísticos, prejudicam enormemente o conhecimento real da nossa vida artística.

No nosso critério uma exposição de arte representa acima de tudo um acto de cultura. A comunicação pela imagem tem sempre um grande impacto nas massas. É através da imagem que se fixam melhor todas as atitudes do comportamento humano e, por tal razão, há que criar imagens sem sectarismos, antes pensando na autêntica liberdade de expressão, pois só assim se valoriza o artista em forma positiva de ser homem e de fazer cultura.

A galeria "O País" tem um critério bem diferente das galerias meramente comerciais. E, assim, tem dado as melhores oportunidades a jovens artistas de talento, — ainda sem fama — que pelas suas positivas qualidades merecem entrar publicamente nos difíceis e complexos caminhos da arte. Julgamos que é uma atitude importante e significativa, que já está a dar os seus frutos.

Os sucessos alcançados pelas nossas exposições está perfeitamente justificado: qualidade artística e respeito por todas as correntes plásticas desde que sejam efectivamente discriminatórias da personalidade do artista.

Numa vida democrática autêntica, as oportunidades são iguais para todos. Assim o entendemos, e assim o temos feito. Não fechámos nunca a porta a nenhum artista que tenha efectivamente aquelas qualidades mínimas, que julgamos necessárias para que possa realizar uma exposição, não positiva totalmente, mas sim, esperançosa.

É isto que julgamos positivo numa galeria de arte, que tem de ser acessível a todo o público, e assim fazer um processo cultural a que todos têm direito. Nesta ordem de ideias, a galeria "O País", além de exposições tem realizado aos sábados pela manhã, colóquios de arte, literatura, economia, sociologia, etc, que julgamos indispensável para uma verdadeira promoção cultural.

Pode dizer-se que a cultura é um conjunto de valores materiais e espirituais, incluindo os processos de criá-los, aplicá-los e transmiti-los, obtidos pelo homem no processo da prática histórico-social de cada país. A cultura é, fundamentalmente, um fenómeno histórico, que se desenvolve na dependência das múltiplas mudanças que existem nos diversos tipos de formações económico-sociais.

Cada país tem a sua cultura própria, através de um desenvolvimento das suas condições históricas, artísticas, económicas, sociais e ecológicas, — sem desprezar, naturalmente, os valores tradicionais de cada civilização e, também, como é lógico, sem desprezar as influências recíprocas das culturas dos diferentes povos.

A arte é, sem dúvida, uma das formas mais positivas da cultura. Ela está sempre ligada a todo o fenómeno social e político de cada época. Mas, para que tal aconteça, é necessário que ela viva sempre como revelação, e em total liberdade expressiva, e não sofra nenhuma espécie de repressão, como ainda e infelizmente acontece em alguns países totalitários, em que o "artista" para continuar a sobreviver tem que ser um "robot", e portanto negado a produzir a autêntica arte que é sempre a atitude plástica-estética reveladora de cada personalidade.

Frente à divisão política da cultura — em que cada ideologia teima em fazer uma cultura própria —, é necessário converter cada pessoa, na medida do possível, em espectador, autor, ou coautor e veículo paladino de uma cultura plenamente participada, no seio de autênticas comunidades humanas. É isto afinal o que se propõe realizar a galeria "O País", pois sabe que a arte tem que estar integrada em todo o processo cultural e, ao alcance das massas. ●